



ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S

AGRONEGÓCIO

Gigante e global em apenas 20 anos



Palestra de **IVAN WEDEKIN**
Ex-diretor de Política Agrícola do Ministério da Agricultura



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

Nosso agronegócio é um campeão mundial carente de infraestrutura

Um caso de sucesso internacional, o agronegócio brasileiro tornou-se gigantesco e global nos últimos 20 anos, assumindo um papel essencial para a segurança alimentar do Brasil e do mundo. Mas tem grande chance de crescer mais ainda se tiver melhores condições de infraestrutura e logística. E isso é urgente. Foi esse o cenário traçado pelo especialista em agronegócios Ivan Wedekin no Encontro Democrático realizado em agosto de 2017 na sede do Espaço Democrático.

Coordenado pelo economista Luiz Alberto Machado, o debate teve também a participação do ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, Cesário Ramalho, coordenador do conselho temático de Agricultura do Espaço Democrático. Para Ramalho, o agronegócio brasileiro está contribuindo fortemente para a recuperação da economia brasileira e a criação de empregos e renda por meio de exportações. Mas deve encarar o desafio de produzir de maneira sustentável. “Sem preservação do meio ambiente, vamos produzir menos”, afirmou.

Em sua palestra, Ivan Wedekin - que foi secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e diretor de BM&F Bovespa - disse que, apesar das graves dificuldades com a carência de estradas, portos e locais de armazenagem de grãos, o Brasil manteve nos últimos anos um quadro propício ao desenvolvimento do setor, com boa oferta de crédito, mercado sem intervenções do poder público e incentivo ao desenvolvimento tecnológico. Infelizmente, afirmou, esses resultados não se repetem em outros setores da economia brasileira.

Esta é a íntegra do que disseram os dois palestrantes e os participantes do Encontro.

Boa leitura.



LUIZ ALBERTO MACHADO: Boa tarde a todos, é uma satisfação recebê-los para o Encontro Democrático de hoje com a presença do Ivan Wedekin, que vai falar sobre “Os desafios e conquistas do agronegócio brasileiro”. Eu quero passar a palavra para o Cesário Ramalho, que é o coordenador dessa área aqui na Fundação Espaço Democrático, para fazer a apresentação e os comentários iniciais.

CESÁRIO RAMALHO: Quero parabenizar o Espaço Democrático por promover essa palestra para falar um pouco do agronegócio brasileiro, que depois de tantos e tantos anos está aparecendo nas primeiras páginas dos jornais e noticiosos brasileiros como salvador da pátria. Quero dizer a vocês que o agronegócio e o agricultor realmente estão contribuindo para o engrandecimento, para o crescimento do nosso

País, para a geração de empregos e renda, com um saldo comercial extremamente expressivo. Exportamos 100 milhões de dólares, gastamos 15 milhões de dólares. Temos saldo no comércio exterior extremamente favorável. Eu, como agricultor de gerações e apaixonado, com credo naquilo que faço, me lembro do meu avô, que sabia que um dia iríamos ter a importância que nós temos - me lembro do meu pai também, enfim, da minha família, que sempre acreditou que o agronegócio chegaria onde chegou, com a importância que tem. Assimilamos as novas tecnologias, aproveitamos o crescimento do mundo - principalmente o da Ásia, onde colocamos os nossos produtos. E temos o desafio do amanhã, de crescer todos os dias de maneira sustentável. O agricultor pensa permanentemente no amanhã. O agricultor brasileiro não é um destruidor do meio ambiente, ele é um con-

O AGRICULTOR PENSA PERMANENTEMENTE NO AMANHÃ. O AGRICULTOR BRASILEIRO NÃO É UM DESTRUIDOR DO MEIO AMBIENTE, ELE É UM CONSERVADOR, UM PRESERVADOR POR NATUREZA. SEM A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, SEM A PRESERVAÇÃO DE UMA SIMPLES ÁRVORE, NÓS PROVAVELMENTE VAMOS PRODUZIR UM POUQUINHO MENOS DE SOJA, DE AÇÚCAR, DE CARNE”.



servador, um preservador por natureza. Sem a preservação do meio ambiente, sem a preservação de uma simples árvore, nós provavelmente vamos produzir um pouquinho menos de soja, de açúcar, de carne.

O agricultor brasileiro é um homem simples e talvez esteja aí a lógica que explica porque hoje somos o maior segmento da economia brasileira. A agricultura tem hoje, a grosso modo, 30% do PIB. Então, acho que é muito bom falarmos disso para pessoas altamente qualificadas como são todos os que estão aqui. Hoje temos o privilégio de ter aqui o Ivan Wedekin, engenheiro agrônomo formado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, que teve a oportunidade de trabalhar um bom tempo na Agrocerec com o Nei Bittencourt Araújo, um grande líder, pensador, estruturador da agropecuária moderna que temos. Na agricultura, produzimos porque temos tecnologia. Nós temos a mais alta tecnologia existente em agricultura. O agricultor brasileiro é o melhor do mundo. Nós temos a maior e melhor agricultura tropical e essa agricultura é pesquisada, criada e identificada por brasileiros na Universidade de Piracicaba, na Embrapa, na Universidade de Lavras, em Minas, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul e por aí adiante. É um produto brasileiro, da inteligência brasileira, da competência dos brasileiros. O Ivan é meu amigo de longa data. Por volta dos

anos 1980 ele formou uma grande dupla de trabalho de assessoria com o doutor Paulo Rabelo de Castro, outra grande figura, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. O Ivan trabalha e analisa todo esse contexto avançado da agropecuária brasileira. E depois de trabalhar tanto tempo na Agroceres, foi parar no Ministério da Agricultura, com o ministro Roberto Rodrigues. Foi diretor de Política Agrícola do Ministério. O Ivan teve o privilégio - e espero que ele tenha tempo de falar disso para vocês - de ter criado as letrinhas do agronegócio, a LCA, a L qualquer coisa, não é, Ivan? - esqueço um pouquinho... São tantos mecanismos financeiros que dão suporte ao agronegócio brasileiro. É uma forma de trazer-mos capitais de fora do nosso negócio. Depois o Ivan saiu do Ministério e foi parar na BM&F, também uma experiência extraordinária. A BM&F concentra todas as operações do mercado futuro e é um trabalho de segurança para o agricultor, que fica protegido dessas variações de mercado. Parabéns a todos e uma boa palestra ao Ivan.



IVAN WEDEKIN: Em 1977, há 40 anos, eu estava na Fundação Getúlio Vargas fazendo parte do Grupo de Informação Agrícola que foi financiado pelo Banco Central do Brasil, cujo coordenador era o Paulo Rabelo de Castro, hoje presidente do BNDES. E encerrado o primeiro ano de convênio, financiado pelo

Banco Central, o Paulo Rabelo devolveu para o BC o dinheiro que não tinha utilizado, o dinheiro que havia sobrado no caixa. Acho que essa deve ter sido a primeira lição de ajuste fiscal que eu aprendi no Brasil. O Paulo escreveu um pouco sobre isso no prefácio do livro A economia da pecuária de corte, que acabo de publicar. O texto dele está dentro desse recorte histórico do desenvolvimento do agronegócio brasileiro. Na visão do Paulo Rabelo, esse recorte vem de 1999, quando o Brasil mudou o regime cambial e passou a adotar o câmbio flutuante com metas de inflação. Esse foi o grande elemento que soltou as amarras do agronegócio brasileiro, da agropecuária brasileira, que até então vinha tendo boa parte da sua renda subtraída por confisco cambial, cotas, contingenciamentos e tudo o mais que interferia no desenvolvimento da agricultura brasileira e que no fundo fez o grande desenvolvimento urbano e rural no Brasil. Então, a partir de 1999, 2000, e depois com o Real, nos últimos 20 anos o agronegócio pôde mostrar a sua força. Mas essa história não foi sempre assim. Nesse sentido, a agropecuária brasileira e o agronegócio do Brasil têm aí uma história muito recente de sucesso, que eu vou comentar com vocês.

O agronegócio brasileiro é gigante e global. O Brasil é o terceiro maior exportador mundial de produtos agrícolas, de acordo com a Organização Mundial do Comércio, a OMC. Perde para os 20 e tantos países da União Europeia e para os Estados Unidos. É o terceiro, mas o Brasil tem o maior saldo da balança comercial agrícola do mundo. Então, quem consegue ser muito mais exportador do que importador... Isso é sinal de que é uma atividade econômica extremamente competitiva. Todos os demais ramos da nossa economia não-agro são defici-

ATÉ 20 ANOS ATRÁS O BRASIL ERA UM IMPORTADOR DE CARNE BOVINA. HOJE O BRASIL É O MAIOR EXPORTADOR MUNDIAL DE CARNE BOVINA, É O MAIOR EXPORTADOR DE FRANGO, É O TERCEIRO DE SUÍNOS, É O MAIOR DE CAFÉ, DE SUCO DE LARANJA... ENTÃO, É ALGO TESTADO NO MUNDO ENSOLARADO DA CONCORRÊNCIA INTERNACIONAL”.

tários do ponto de vista da balança comercial. A União Europeia tem um déficit de praticamente 5 bilhões de dólares nas exportações. Os Estados Unidos são grandes, mas têm um saldo de US\$ 14 bilhões e o Brasil tem quase US\$ 70 bilhões. E o Brasil está olhando para a Ásia, que é o grande importador de nossos produtos, especialmente a China, com um déficit na balança comercial agrícola de US\$ 87 bilhões. Então, o agronegócio é gigante e global, mas tem suas raízes no interior, em 5,4 milhões de estabelecimentos agrícolas espalhados por todo o continente brasileiro. Essa é uma grande transformação. Até 20 anos atrás o Brasil era um importador de carne bovina. Hoje o Brasil é o maior exportador mundial de carne bovina, é o maior exportador de frango, é o terceiro de suínos, é o maior de café, de suco de laranja... Então, é algo testado no mundo ensolarado da concorrência internacional. Ponto número 1.

Quando a gente é jovem tem muita coragem. Eu me lembro de ter feito uma palestra no ITA, promovida pela Sociedade Rural Brasileira, sobre interiorização do desenvolvimento. Isso há 30 anos. Aliás, a escritora Dinah Silveira de Queiroz diz que “os jovens têm a centelha de Deus”. A gente tem a experiência do tonel. Então, fui lá no ITA falar da interiorização do desenvolvimento, e isso está mostrado essa relevância econômica e social do agronegócio brasileiro: R\$ 1,5 trilhão dos R\$ 6 trilhões da economia brasileira, 24% do PIB, 37% dos empregos. O Brasil tem uma grande vantagem, entre aspas, que é uma reserva de mercado. Temos uma população de 208 milhões de habitantes - muito maior que a do Canadá, da Austrália, da Argentina - e isso faz com que esse mercado interno seja essa reserva de mercado do agronegócio brasileiro.

O mercado interno consome entre 75% e 80% do que o agronegócio produz. Poucos países do mundo têm essa característica, de ter esse mercado interno importante. Cada real gerado na fazenda gera 3 reais na economia como um todo. Essa relação de 1 para 3 não é um valor agregado, como a gente tem na indústria aeronáutica, mas significa que algo que vem lá do interior, desses milhões de estabelecimentos, acaba gerando na industrialização, no processamento e na distribuição um total de 3 reais na economia brasileira. Isso dá esse caráter muito importante do ponto de vista econômico e social. No período de 2002 a 2014, 70% dos municípios brasileiros que mais melhoraram do ponto de vista do IDH, o Índice de Desenvolvimento Humano, produzem soja. Então, nessa interiorização, a soja é uma lavoura que tem 40 anos no Brasil. Não é como o milho, que é uma lavoura milenar. A soja é algo recente e alavancou o interior do Brasil, promovendo agrocidades brasileiras espalhadas por esse Interior, bem mais infenso na crise da nossa economia como um todo.

Do ponto de vista da gestão de recursos, apenas 2,6% da receita do faturamento dos agricultores brasileiros vêm do governo, segundo um estudo da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Na Noruega e no Japão os agricultores são praticamente funcionários públicos, dependem dos tesouros nacionais. Apenas economias muito abertas do ponto de vista de comércio, como Austrália e Nova Zelândia, têm menos subsídios e dependem menos dos governos. Vejam vocês que, na China, 21% da renda do agricultor vêm do governo. Nos Estados Unidos, 9,4%. Então, isso é mais uma amostra da eficiência da agricultura brasileira. A gente discute muito políticas de governo, mas no final

do dia, no bolso do produtor tem muito pouca transferência. Os 5 milhões de agricultores brasileiros recebem menos que os gastos com o Bolsa Família. Um setor que produz algo essencial do ponto de vista social, mas a gente não vê a chamada escadinha, a melhoria de vida com as pessoas do Bolsa Família, e na verdade faltam até estudos sobre o impacto disso do ponto de vista da ascensão social dessas pessoas que recebem subvenção.

Para fazer agricultura, no Brasil, você precisa dominar a tecnologia. Eu trabalhei por 12 anos em uma empresa de genética que implantou o chamado milho híbrido no Brasil, a Agroceres. Hoje, nós temos uma agricultura tropical e subtropical. O que é bom para os Estados Unidos tem que ser adaptado, tem que ser produzido. A semente tem que ser feita aqui no Brasil. Então, com todos os investimentos das empresas privadas, da Embrapa, que tem 40 e poucos anos de vida, do Instituto Agrônomo de Campinas, que é mais que centenário - tudo isso fez com que a nossa produtividade fosse lastreada na competitividade. O professor Roberto Macedo domina muito mais do que eu o conceito de produtividade total dos fatores de produção. Quais são os fatores de produção? Terra, capital e trabalho. Para todas as indústrias. Então, essa chamada produtividade total dos fatores de produção, no Brasil dos últimos 40 anos, cresceu 3,5% ao ano, o dobro do crescimento da produtividade nos Estados Unidos. Isso significa que o Brasil está reduzindo o intervalo. Claro que a agricultura americana é muito mais tecnológica que a brasileira. Nós não temos ganhos de produtividade significativos na indústria brasileira nesse período de 20, 30 anos. Tanto é que a nossa indústria não é competitiva e o Brasil é um país fechado à concorrência



internacional em boa parte do setor industrial. Então, esse lastro da eficiência, da tecnologia, é o que justifica toda a expansão da agricultura brasileira.

Outro ponto importante é que nós temos um sistema de financiamento para a agricultura brasileira. Em 1964 foi promulgada a Lei do Sistema Financeiro Nacional, que criou o Banco Central do Brasil. Em 1965 foi criado o Sistema Nacional de Crédito Rural, que na origem tinha muito dinheiro público. Hoje ele é um sistema de crédito direcionado que passou por todos os governos, de todos os matizes. Tem um volume de crédito de R\$ 160 bilhões. Com o ministro Roberto Rodrigues nós criamos um sistema privado de financiamento do agronegócio, que são os chamados "novos títulos do agronegócio": letras de crédito do agronegócio, certificados de direitos creditórios do agronegócio - que hoje tem mais de R\$ 200 bilhões na praça.

E nesse sentido, na época, o Antônio Palocci, que era o ministro da Fazenda, concordou em criar esse sistema privado de financiamento do agronegócio e dar isenção de Imposto de Renda, que existe até hoje, para as pessoas físicas compradoras desses títulos. Ou seja, além do Sistema Nacional de Crédito dirigido e regulado pelo governo, nós temos um sistema privado de financiamento do agronegócio - uma ponte entre a avenida Faria Lima e Sinop, no Mato Grosso - que é a maneira de financiar. Por quê? Porque a agricultura não é refrigerante, que você produz todo dia, vende todo dia e recebe todo dia. A agricultura tem um ciclo. Você demora três anos para engordar um boi, cinco meses para colher a soja, sete anos para produzir o eucalipto. Então, essa característica do ciclo de longo prazo da produção exige capital de giro. Mais ainda: o governo criou diversos programas de investimento. Quase 25% desse



volume de crédito é para investimento: mover frota, trator, armazenagem, aumento da capacidade produtiva. O governo criou o programa de sustentação de investimento, gastou bilhões de subvenções, mas não deu resultados do ponto de vista de produtividade industrial. Mas na agricultura, sim.

Quais são as nossas oportunidades e os nossos desafios, para debatermos depois? Primeiro, há 30, 40 anos, existia a Sunab, a Superintendência Nacional do Abastecimento, que era comandada por um general - Glauco de Carvalho. Ela controlava os índices de custo de vida e inflação em São Paulo e no Rio de Janeiro. Eram medidas de fortíssima intervenção do governo e isso ficou para trás, na poeira dos tempos. O preço do feijão pode ir para R\$ 300 a saca, pode cair para R\$ 50. O governo aprendeu, diferentemente dos nossos vizinhos, que na agricultura tem que deixar o mercado funcionar. Podemos ter uma inflação de alimentos ou uma deflação

de alimentos - nós aprendemos a deixar o mercado funcionar. E em todos os governos, com uma recaída ou outra, nós não taxamos mais a agricultura, não contingenciamos, e nesse sentido a nossa agricultura tem um papel de segurança alimentar global. O mundo precisa do Brasil, independentemente se a terra é de propriedade de brasileiros ou não.

Há uma discussão no Congresso Nacional sobre a aquisição de terras por estrangeiros. A Nestlé, para usar um nome apenas, é uma empresa tão brasileira quanto qualquer empresa brasileira centenária. Então, esse papel de segurança do abastecimento interno e do abastecimento global é um compromisso que o Brasil tem, baseado e lastreado no seu agronegócio. Nós precisamos acessar mercados. Os países desenvolvidos e os importadores protegem as suas agriculturas. A China quer importar soja para produzir farelo e óleo no seu interior. Então ela importa o grão, mas

taxa, coloca imposto na importação de farelo e óleo. Então, o desafio de acesso aos mercados é um desafio excepcional para o agronegócio brasileiro. A nossa carne é forte, o Brasil produz uma carne extremamente saudável. Nós construímos empresas globais. O Brasil era importador de carne. Então, o desafio de acesso aos mercados dos nossos produtos é um desafio que exige aí uma atitude muito forte do setor privado, de abrir as porteiças dos mercados internacionais. Talvez a grande dívida da sociedade brasileira, especialmente do governo brasileiro com o agronegócio, repousa na questão da infraestrutura. Há três políticas agrícolas que eu recomendaria - tendo ficado três anos e meio na Secretaria de Política Agrícola, nesses 40 anos de vida, discutindo o agronegócio brasileiro: infraestrutura, infraestrutura e infraestrutura. Isso tornará o agronegócio brasileiro muito mais competitivo e alimentos muito mais baratos para a população. Um quilo de frango, hoje, custa, no varejo, em média, 30% de um quilo de carne bovina. O Brasil praticamente não produzia frango há 40 anos. Hoje tem 40% da exportação mundial de carne de frango. Efetivamente, é um milagre que o Brasil fez.

Sustentabilidade: o Brasil tem o maior estoque de florestas do mundo. Nós estamos fazendo um cadastro ambiental rural - um CPF de todas as propriedades rurais, com as tecnologias, com o georeferenciamento. O agricultor vai ter que se cadastrar. Já temos 80% dos estabelecimentos agrícolas cadastrados, serão georeferenciados. Nós vamos ter um Censo Agropecuário. O Paulo Rabelo de Castro conseguiu, como presidente do IBGE, R\$ 500 milhões para começar o Censo, que vai ser feito praticamente num celular, todo georeferenciado, a partir de 1º de outubro. Já

começam a sair resultados em março do ano que vem. Então, nesse aspecto de sustentabilidade, boa parte do mundo destruiu as suas florestas. O Brasil tem um compromisso de sustentabilidade enorme para o nosso desenvolvimento. E aí nós precisamos continuar trabalhando nessas políticas públicas que criem um ambiente econômico, que potencializem as ações individuais dos milhões de agricultores brasileiros que estão dando, além de tudo, um compromisso com a produção, e conforme o testemunho do Cesário, com uma energia inquebrantável. Estamos talvez saindo da maior recessão da história econômica do Brasil. Estamos colhendo este ano 237 milhões de toneladas de grãos - 50 milhões acima do ano passado, quando tivemos uma quebra de safra por conta de um clima ruim. A safra agrícola, neste ano, cresceu 27%. Dá para ter confiança no Brasil e no agronegócio.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Você levantou aí uns números - 24% do PIB em cima de R\$ 1,5 trilhão, 37% dos empregos -, mas as estatísticas oficiais dizem que a população que vive no campo, e portanto ligada à agricultura, é muito menor. Queria que você esclarecesse isso.

IVAN WEDEKIN: É o total de empregos na cadeia produtiva do agronegócio, que não se reflete nas contas nacionais - setor primário, secundário e terciário. Esse é o conceito de agribusiness criado em Harvard no final dos anos 1950, por Goldberg. Esses 37% são a cadeia produtiva. Por exemplo, a laranja é um produto agrícola, está no PIB agrícola, no PIB agropecuário; o fertilizante da laranja está no PIB industrial; e o suco de laranja está no PIB industrial. Aqui nós fazemos o cruzamento

através de análises de matrizes e subprodutos. Obviamente tem muito menos gente no campo. Mato Grosso tem 3 milhões de habitantes, hoje é o maior Estado agrícola do Brasil. Tem mais gente vivendo na roça, no setor rural no Estado de São Paulo, do que no Mato Grosso. Mas também tem essa questão da urbanização, em muitas regiões as pessoas moram na zona rural, mas têm atividade urbana. Isso, computando o Nordeste e tudo.

LUIZ ALBERTO MACHADO: É por isso que, quando a gente ouve falar que “é um absurdo, o Brasil não está se industrializando, está voltando a não sei quanto tempo atrás”. É brincadeira, né? A agricultura brasileira hoje tem uma tecnologia embarcada que é um negócio extraordinário, uma coisa fantástica. Se todos os outros setores tivessem a mesma produtividade que a agricultura...

IVAN WEDEKIN: Drones, agricultura de precisão, georeferenciamento... O Brasil tem de tudo, de A a Z do ponto de vista de tecnologia, de tamanho de propriedades. Trinta anos atrás, o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos classificou como *superfarmer*, como grande produtor, quem faturava mais de US\$ 500 mil por ano. Hoje temos empresas agrícolas que têm ações negociadas no Novo Mercado da BM&F/Bovespa. Hoje, temos agricultores com 200, 300 mil hectares de lavoura por ano, mas com altíssima tecnologia. No meu conceito, é simples: quem é competitivo, tem a luz do Sol. Quem não é competitivo, tem que se virar. E aí não importa se você vai ser competitivo em alfinete ou em avião. Você tem que ser competitivo para beneficiar o interesse da sociedade brasileira e dos seus consumidores.



GABRIELLE JORDANO: Nós sabemos que os principais produtores estão no Mato Grosso, Goiás, Tocantins. Os grandes produtores, que usam tecnologia. Eles têm grandes extensões de terras, pouca mão de obra, muita tecnologia. A grande questão é: o pequeno agricultor não tem tanto acesso a novas tecnologias. Como levar para os pequenos a tecnologia que é produzida pela ESALQ, pela Unicamp, por exemplo? Seria uma forma de melhorar a competitividade deles.

IVAN WEDEKIN: O professor Theodore Schultz ganhou o Prêmio Nobel de Economia em 1979 pelos estudos na área de economia agrícola. Bem resumidamente, é uma questão de capital humano, educação. A sua afirmação já foi mais verdadeira, no passado. Hoje temos em torno de 1,5 milhão de operações de crédito rural no chamado Pronaf, que é o programa da agricultura familiar. Programas de investimento nessa agricultura familiar, mais de 1 milhão de contratos por ano, com ticket médio de R\$ 10 mil. Ou seja, esses pequenos agricultores estão investindo, eles são consumidores de sementes melhoradas. Na minha época, 20 anos atrás, na Agrocetes, um dos grandes desafios nas empresas de sementes era que os pequenos produtores usavam a semente comum para plantar. Hoje, com os benefícios da transgenia, com a

tecnologia, esses produtores estão comprando essa tecnologia. Claro que tem que melhorar a assistência técnica e para isso há o papel superimportante das cooperativas, das integrações. Santa Catarina tem um modelo excelente de integração entre produtores e agroindústrias, o que faz com que a renda per capita seja muito boa.

Então, o desafio é integrar esses agricultores ao mercado. Dos 5,4 milhões de estabelecimentos rurais no Brasil, segundo a fotografia antiga, do Censo de 2006, cerca de 300 mil são das chamadas classes A e B de renda. Seriam, digamos assim, os agricultores mais profissionais que estão respondendo por uma parte importante da produção. Vamos ver agora, na foto no Censo desse ano, como isso vai ficar. Claro que tem, nas classes D e E, muita transferência via aposentadorias, etc, especialmente no Nordeste do Brasil. Então, eu diria que temos uma agricultura familiar, independentemente do tamanho dela, que também está vivendo, sobrevivendo do mercado, da comercialização da sua produção.

CESÁRIO RAMALHO: Esse exemplo do Ivan é perfeito. Santa Catarina: qual é a média da propriedade rural do Estado? É uma propriedade puramente familiar. O café no Sul de Minas vem de propriedade familiar. Santa Catarina, como o Ivan bem disse, é exemplar. O Brasil é o maior exportador de frango do mundo. Nós temos um ambiente perfeito lá em Santa Catarina. Se for modificada a estrutura fundiária, as pessoas serão expulsas do campo. Temos que ter um cuidado muito grande para cuidar dessa população do campo, que não sabe fazer outra coisa. E são vitoriosos porque utilizam a mais alta tecnologia possível para produzir os insumos para os grãos e produzir o frango e o suíno.

ROBERTO MACEDO: Saiu o PIB do primeiro trimestre e ele reflete a colheita da soja. O produto agrícola foi lá para cima. E eu acho que do segundo trimestre em diante teremos o efeito renda desta enorme produção, que vai puxar o consumo. Por exemplo, no *Agrishow* de Ribeirão Preto falou-se que houve um movimento de R\$ 2 bilhões em equipamentos agrícolas.

IVAN WEDEKIN: Quando a gente olha o consumo nos supermercados, hipermercados, alimentos, bebidas e fumo, foi o setor que, digamos assim, menos caiu nessa recessão longa de 2015 a 2017. Então, a gente tem aí um espaço de recuperação, mesmo que modesto, do consumo. O desemprego parou de aumentar, pelos últimos indicadores, então pode haver um ânimo maior de consumo. Nós vamos ter mais um ano de expansão da área plantada no Brasil, ainda mais agora, que ocorreram alguns problemas de clima nos Estados Unidos, o que a turma chama de o “mercado de clima”, um mercado muito nervoso. Os americanos estão em pleno desenvolvimento das suas lavouras, que vão colher entre setembro e outubro. Então, este gás nos preços do milho e da soja lá fora vai induzir a um aumento da área plantada no Brasil. Não tanto quanto nos anos anteriores, mas a agricultura continua investindo. As contratações de crédito para investimento, nessa safra, caíram muito pouco em relação a 12 meses. Ou seja, o agricultor continua tocando o seu negócio e investindo na sua atividade. Mas voltando aos comentários do Roberto: claro que existe uma concentração da produção. Daí a importância das políticas sociais de manutenção desses pequenos agricultores, de

incorporação de novos agricultores ao mercado, cooperativismo. Você pega a Coamo (Agroindustrial Cooperativa Coamo): fatura R\$ 12 bilhões por ano com mais de 20 mil cooperados, maior do que muitas empresas no Brasil. Isso, no Paraná, em Campo Mourão, que é uma região de terra ruim. Mas é a maior cooperativa do Brasil.



HELIODORO SÁ: Gostaria que o senhor falasse um pouco das novas fronteiras agrícolas. Como o desenvolvimento agrícola chegou até essas regiões?

IVAN WEDEKIN: Nós temos uma nova fronteira agrícola no Brasil, a Matopiba - que é Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Minha mãe é baiana, do sertão baiano. Décadas de agricultura de subsistência e hoje nós temos uma região de altíssima tecnologia no Oeste baiano, cidades com crescimento do PIB acima de 10% ao ano. Diversas regiões agrícolas estão crescendo. E por quê? Porque elas estão incorporando tecnologias, estão ficando mais eficientes e estão transferindo esses benefícios para os consumidores. Então, é essa ponte do agro, esse casamento por puro interesse entre a agricultura e a sociedade urbana e industrial, que faz a grandeza e a riqueza da agropecuária brasileira.



ÍTALO CARDOSO: O senhor destacou muito a questão da infraestrutura. Desde há muito tempo eu ouço falar que a safra do Brasil é a melhor do mundo. Todo ano a gente bate recordes e vê a agonia dos caminhoneiros parados por dificuldades no escoamento dessa produção. O senhor acaba de falar que teremos mais um pico no ano que vem. E aí vem a pergunta: a infraestrutura vai acompanhar? Não entendo nada de agronegócio e entendo pouco de infraestrutura, mas o que a gente ouve é que o problema não está na produção, mas sim em como tirar o produto, como não perder esse produto e como ele pode baratear. Outra questão é a das cooperativas. Nós vimos recentemente a quantidade de microempresas familiares que fornecem para a JBS. Foi mostrado onde é que está a potência da JBS: na agricultura familiar, na produção das famílias. Não é todo dia que a gente pode constatar a potência que são, hoje, esses núcleos familiares que produzem para essas gigantes.



JESSICA IZIDORO: É difícil falar de agronegócio sem tocar na infraestrutura, na logística, o

chamado Custo Brasil. Eu queria saber o que o senhor acha da adição de impostos nos combustíveis e como isso reflete na produtividade da agricultura.



MARCELO TOLEDO: Eu queria saber quais seriam as repercussões econômicas da abertura de capital, do capital estrangeiro no agronegócio. Isso é bom para o País? Tem apoio do meio rural?

IVAN WEDEKIN: Precisamos ter uma medida do Desperdício Nacional Bruto. A gente tem o Produto Interno Bruto, mas precisava medir o Desperdício Nacional Bruto. E aí entra a questão da infraestrutura no Brasil, que é sempre um problema sério para a agricultura, que entre aspas, trabalha com produtos de menor valor. Uma tonelada de milho vale muito menos do que uma tonelada de carro popular. Então, o frete pesa muito na agricultura. Mas já tem notícias importantes. Em torno de 20% da produção de grãos no Brasil já está saindo por cima, pelo chamado corredor Norte, descongestionando um pouco Santos e Paranaguá. Claro que nós precisamos mudar o nosso modelo regulatório, que atravancou o investimento na infraestrutura, especialmente no governo Dilma, querendo tabelar a taxa interna de retorno dos projetos. Então, precisamos criar um ambiente econômico importante para esse investimento em infraestrutura. Já temos notícias im-

portantes. O Fundo Pátria fez a compra de um trecho de rodovia no Estado de São Paulo. É um novo entrante, participando desse mercado, e não as construtoras, como era a voz comum do passado. Então, há agentes econômicos novos entrando e isso pode dar um gás para esse investimento em infraestrutura no Brasil, mas nós precisamos ter as regras do jogo muito bem definidas e aí caímos na questão da política, das regras do jogo confiáveis para um investimento de 30 anos de retorno.

Sobre a tributação, digamos que isso é mais um desespero fiscal do que uma política econômica justificável. Estão falando aí: nós vamos tributar as letras de crédito do agronegócio, vamos tributar as letras de crédito imobiliário... É um desespero, porque o governo não está conseguindo avançar nas medidas de ajuste que precisa fazer em benefício dos brasileiros.

Com relação à propriedade de terras por estrangeiros, esse assunto é bastante dividido no setor agrícola. Temos uma legislação. O investidor estrangeiro, para operar no Brasil, tem que criar uma empresa brasileira. Então, é uma empresa brasileira de capital estrangeiro, sujeita às mesmas regras das empresas brasileiras. Claro que com algumas ressalvas de fundos soberanos. Ninguém vai botar um hectare de terras do Mato Grosso no bolso e levar para a China.

Alguns setores econômicos são internacionais. Por exemplo, diz-se que a J&F vai vender a sua empresa de celulose, que é a Eldorado, para uma empresa estrangeira. E para você fazer papel, precisa plantar eucalipto. E por que uma empresa estrangeira não pode plantar eucalipto ou cana-de-açúcar? Nós temos empresas internacionais que são donas de usinas de açúcar. É claro que muitas empresas

não querem ter muita imobilização em terra, mas uma usina de açúcar tem muita imobilização em terras, máquinas e equipamentos. E qual é a diferença sobre a propriedade do capital? Na minha opinião, esse assunto provavelmente vai avançar no Congresso Nacional. Ressalvas devem ser colocadas, mas o Brasil tem que atrair os investimentos. Os chineses não podem comprar terras aqui, mas estão comprando as empresas, as traders, as grandes empresas de tecnologia, grandes distribuidores de insumos agrícolas e eventualmente podem até fazer esses investimentos em infraestrutura. O importante é que as políticas beneficiem os brasileiros numa visão de médio e longo prazos.



ROGÉRIO SCHMITT: Eu vou puxar para a questão da política. A gente sabe que o agronegócio é um dos grupos mais influentes na política. Como o setor pensa no médio prazo, nesse cenário de proibição do financiamento público de campanhas por empresas? Como manter essa influência no próximo Congresso, que será eleito no ano que vem? E a segunda pergunta: no pós-Joesley Batista, como o setor avalia um eventual dano de reputação que possa ter acontecido.

IVAN WEDEKIN: Eu fui secretário de Política Agrícola por dois anos e meio - de janeiro de 2003 a julho de 2006. Então, me envolvi muito com essa interlocução, com as entidades, com os organismos. Eu estava há alguns dias em Brasília, na Frente Parlamentar da Agropecuária, que muitas vezes é mal vista, entre aspas, e estava lá uma menina de 25, 30 anos, que faz parte do corpo técnico do Instituto Pensar Agropecuária, que é mantido por 40 e poucas entidades que custeiam uma base técnica para monitorar todas as discussões na Câmara, no Congresso. O que não falta no Brasil é projeto, é regulação, é intervenção. Tem deputado querendo criar, por lei, um Uber de frete de caminhoneiro no Brasil. Para criar um Uber, algum garoto aí já criou. Então, o que eu respondo do ponto de vista econômico e político? O setor está organizado, tem lá grupos de estudo acompanhando e avaliando todas as medidas que são discutidas no Congresso Nacional.

Eu fui explicar a lei dos títulos do agronegócio em três ou quatro reuniões para o núcleo agrário do PT. Talvez tenham sido as pessoas que mais perguntaram se aquela lei poderia prejudicar o pequeno produtor. A gente sabe que no Congresso Nacional sempre tem uns 10 ou 12 que carregam o piano. Então, esses deputados, esses senadores precisam ter o respaldo técnico. E aí o setor privado tem que fazer a sua parte, independentemente de lobbies de políticos, de negociações e assim por diante. Havia umas 30 pessoas na sala discutindo a agenda da semana e isso é feito todas as segundas-feiras. Então, para mim é uma lição. Vinculando à sua questão sobre a carne, a grande inovação tecnológica dos grandes frigoríficos brasileiros foi durante a Primeira e a Segunda Guerras, quando vieram para cá



frigoríficos no estado da arte: Swift, Armour, Anglo. Getúlio Vargas fez leis contra o domínio desses frigoríficos estrangeiros. Hoje, nós temos os maiores frigoríficos do mundo. São empresas de capital aberto: JBS, Minerva, Marfrig, BRF, listadas na Bolsa. A questão econômica é: o mundo precisa da carne brasileira, o mundo precisa da soja brasileira e o mundo também precisa de melhores brasileiros.

CESÁRIO RAMALHO: Eu sou agricultor, a gente é meio solto...

IVAN WEDEKIN: O agricultor sempre está chorando. Você já ouviu essa história, né? Por isso a agricultura, no mundo inteiro, é subsidiada. Porque o agricultor chora. Vai no Congresso americano para você ver o que é lobby dos produtores rurais.

CESÁRIO RAMALHO: Com certeza absoluta o lobby lá é muito maior. Mas esse negócio da Frente Parlamentar da Agricultura é um case da maior importância. A Frente Parlamentar é sustentada por 42 entidades representativas

do agronegócio e assessora, pauta o deputado e o senador naqueles temas que são debatidos nas mais variadas comissões dentro do Congresso Nacional e são do seu interesse. Portanto, ela tem uma missão puramente técnica. E ela fez o deputado entender que o voto dele, que de repente não é o voto que ele gostaria, é um voto diferente, é um voto de um impacto positivo no setor. Em uma comissão nós temos dois ou três deputados, na outra não temos nenhum. Então, é importante alocar todos esses deputados nas mais variadas comissões. Esse é o fator de sucesso, da influência que a Frente passou a ter. Essa questão política não passa pelo agricultor. Evidente que eu tenho a minha opinião - todos temos nossas opiniões. Mas isso não é uma coisa normal dentro da Frente Parlamentar. Então, acho que é um grande sucesso, um modelo, um case especial. Essa frente tem 200 parlamentares, por isso almoçamos na terça-feira com o presidente Michel Temer. Ele foi agradecer o apoio da Frente, que tem 200 parlamentares, mas o efetivo mesmo, no duro, no centro nervoso, são 80. A Frente talvez seja o maior par-

tido político dentro do Congresso Nacional, e é apartidária. E o PSD tem expoentes muito bons lá dentro. O Marcos Montes (PSD-MG) foi presidente da Frente até o ano passado. Acho que é um case de extraordinário sucesso e nós estamos aprendendo que o Congresso tem uma influência e uma importância na gestão do País, na condução do País, que não era usado. Era camuflado, abafado. Acho que é uma coisa que melhorou. É mais democrático.

A outra questão, a JBS tornou-se a maior empresa de alimentos do mundo. O cara usou o BNDES de uma forma muito maior que todos. Os profissionais do BNDES defendem todos os funcionários lá dentro, a lisura, a transparência e tal. Mas o fato é que houve uma facilitação muito grande para ele comprar empresas por aí. Porém, aqui, internamente, a JBS é muito importante. Nós sofremos bastante naqueles primeiros dias porque a JBS significa 40% do abate brasileiro. São 700 mil animais por mês. Ele voltou quase a zero. Então, o mercado de carne foi lá embaixo e agora está se recuperando.

IVAN WEDEKIN: Bom, esse é o assunto do livro A Economia da Pecuária de Corte, do lado econômico. Vou deixar para vocês um documento que vai ser lançado na semana que vem, chamado Agrotendências. É uma fotografia do agronegócio brasileiro que eu preparei para o Canal Rural. É um mapa da mina. "Sabe com quem está falando?". Então, aqui tem toda uma fotografia do agronegócio brasileiro. Mas, voltando à pecuária, o negócio é ruim. Sabe qual é a rentabilidade de uma empresa frigorífica, margem bruta? De 12% a 13%. Então, é um negócio de baixa rentabilidade que demanda muito volume, escala de

produção. E na pecuária nós temos um ciclo de preços. E há dois anos iniciamos um ciclo de baixa nos preços. Estávamos vivendo uma fase de baixa no ciclo da pecuária e aí veio a Operação Carne Fraca, comprometendo a imagem da carne brasileira no exterior. Países parando de importar carne do Brasil. Depois veio, em maio, a delação da JBS. Foi pancada em cima de pancada, o que acaba comprometendo a renda dos pecuaristas. O Brasil é o único País do mundo cujo rebanho bovino cresce todos os anos. Está na hora de esse rebanho começar a diminuir e aumentar a produtividade da nossa pecuária. A nossa pecuária é sustentável. No grosso modo, é boi de capim, não é o boi dos Estados Unidos, que come soja e milho. É muito diferente. Portanto, esse segmento é o segundo mais importante da agropecuária, perde apenas para a soja. Nós precisamos defender a nossa pecuária. Aliás, é o desafio do Paulo Rabelo de Castro, presidente do BNDES. Nós somos donos de 21% da JBS.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Wedekin, quero agradecer muito a sua presença. Fui professor de Economia e de História do Pensamento Econômico e um dos tópicos do meu curso era Escola Fisiocrata. É uma escola do pensamento da França que creditava à agricultura toda a produção de riqueza e deixou como herança um País que tem até hoje uma participação importante na produção agrícola da Europa, que é a França. Mas eu costumo dizer que a França tem alguma produção, mas muito subsídio. No Brasil, temos muita produção com pouco subsídio. Se todos os setores do Brasil tivessem o desempenho que tem a agricultura, isso aqui seria outro país. Parabéns pela sua apresentação.

Presidente
Guilherme Afif

1º Vice-presidente
Vilmar Rocha

2º Vice-presidente
Diretor de Relações Internacionais
Alfredo Cotait Neto

Secretária
Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente
João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação

Presidente - Gilberto Kassab

Guilherme Afif

Omar Aziz

Raimundo Colombo

Otto Alencar

Claudio Lembo

Ricardo Patah

Vilmar Rocha

Guilherme Campos



Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2017 - "Agronegócio"
ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD) Twitter: [@espdemocratico](https://twitter.com/espdemocratico)
Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)
Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br